

CRD
CENTRO DE REFLEXÃO
E DOCUMENTAÇÃO

1º DE MAIO:



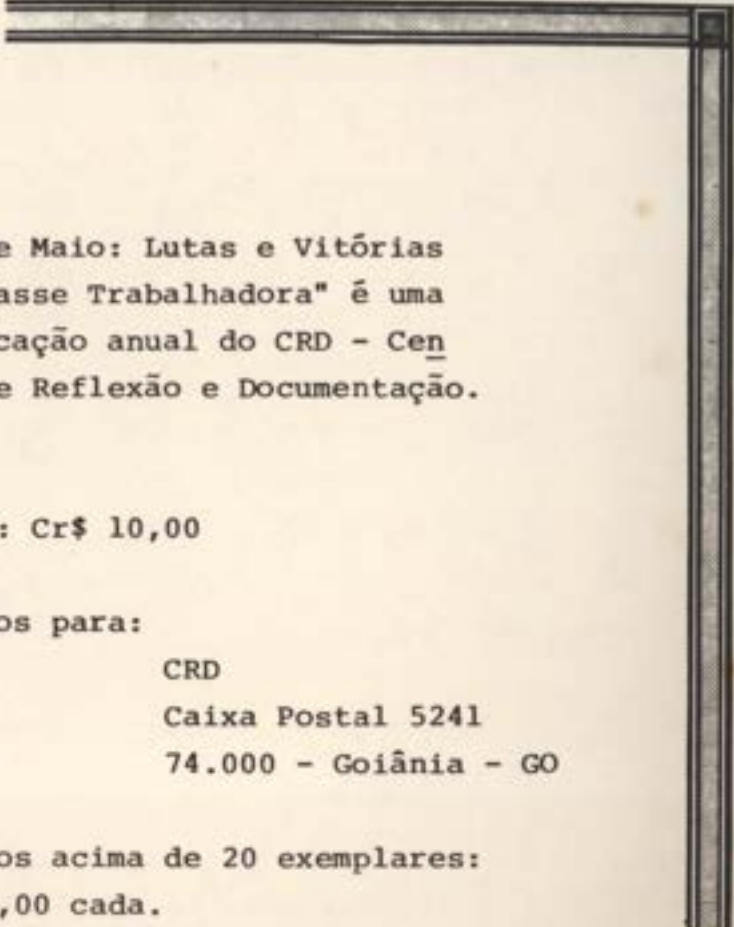
LUTAS E VITÓRIAS
DA CLASSE
TRABALHADORA

Nº 2

1980

"1º DE MAIO: LUTAS E VITÓRIAS
DA CLASSE TRABALHADORA", Nº 2

Abril de 1980



"1º de Maio: Lutas e Vitórias
da Classe Trabalhadora" é uma
publicação anual do CRD - Cen
tro de Reflexão e Documentação.

Preço: Cr\$ 10,00

Pedidos para:

CRD
Caixa Postal 5241
74.000 - Goiânia - GO

Pedidos acima de 20 exemplares:
Cr\$ 7,00 cada.

ESSA É UMA HISTORIA DE GENTE POBRE,
QUE SE PASSOU FAZ QUASE CEM ANOS.
E ATÉ HOJE SE PASSA ENTRE NÓS.

1º de Maio: 1886



**Como nasceu
o 1º de Maio**

Havia um grupo de homens dentro das fábricas.
Eles eram poucos.
Tinham nomes comuns de trabalhadores:
Luís, Vicente, Jorge, Alberto, Oscar,
Adolfo, Miguel.
Eram poucos
mas eram filhos de uma classe numerosa:
A classe operária.
Viveram nos Estados Unidos,
numa cidade cheia de fábricas chamada Chicago.

Naquele tempo, nos Estados Unidos,
 os operários lutavam
 pra não trabalhar mais de oito horas por dia
 dentro das fábricas.
 Eles trabalhavam doze,
 às vezes até dezesseis horas por dia -
 como aqui no Brasil ainda hoje acontece.

Os operários queriam diminuir as horas
 de trabalho,
 mas os patrões não aceitavam isso de jeito
 nenhum.

Tinha de ficar tudo como estava.

Mas a situação dos trabalhadores
 não dava mais para aguentar.

O salário não dava mais para matar a
 fome dos filhos.

Então, eles foram aos poucos,
 com muita paciência, se organizando.

Criando comissões, associações,

criando movimentos,

criando sindicatos,

fortalecendo a união da classe.

Depois de muitos anos de luta,
 os trabalhadores conseguiram organizar
 uma Greve Geral,
 exigindo oito horas de trabalho.
 A greve foi marcada para o dia
19 de maio de 1886,
 em Chicago.

Os patrões não ficaram quietos.
 Os tubarões nunca ficam de braço cruzado
 quando os pobres lutam contra a exploração deles.
 Enquanto os trabalhadores organizavam sua greve,
 os patrões chamaram a polícia
 para reprimir com a força das armas,
 os comícios dos operários.
 Nesses comícios os trabalhadores explicavam ao
 povo os motivos de sua luta
 e defendiam seus interesses.

A polícia cercou
 e atirou contra os operários reunidos na praça.
 Matou muitos trabalhadores
 e levou outros para a cadeia.

Mas eles não esmoreceram
 e continuaram a luta.
 A polícia também continuou a prender e a matar.
 Por ordem dos patrões...

No mês de novembro do ano de 1887 os operários Vicente, Jorge, Alberto e Adolfo, que dirigiam a luta e estavam presos, foram enforcados em praça pública. Mas outros companheiros continuaram a luta que eles tinham começado.



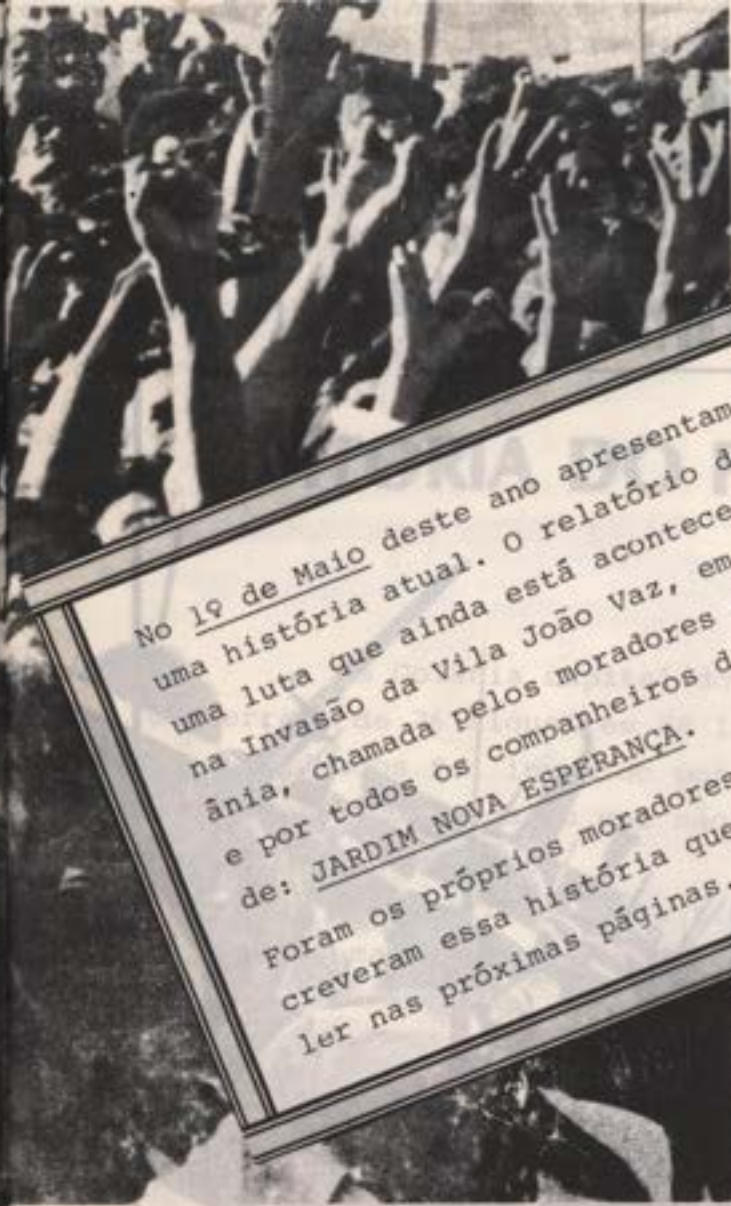
Até que um dia conseguiram alcançar seu objetivo: A jornada de oito horas de trabalho por dia nas fábricas. Para desfrutar deste direito, a classe trabalhadora perdeu muito de seus filhos.

assim nasce

**o
1º DE MAIO :**

Para que nenhum trabalhador se esqueça destes acontecimentos, a classe trabalhadora do mundo inteiro escolheu o dia 1º de maio como o DIA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES. É um dia de LUTA. Um dia de LUTADORES.





No 1º de Maio deste ano apresentamos uma história atual. O relatório de uma luta que ainda está acontecendo na Invasão da Vila João Vaz, em Goiânia, chamada pelos moradores de lá e por todos os companheiros de luta de: JARDIM NOVA ESPERANÇA. Foram os próprios moradores que escreveram essa história que vocês vão ler nas próximas páginas.

1º de MAIO
de 1980

LUTAS E VITÓRIAS

HISTÓRIA DA LUTA E DA VITÓRIA

DA INVASÃO

DO JARDIM Nova Esperança (GO) !



10

Todas fotos desta história
são do Jardim Nova Esperança.
Foram recortadas dos Jornais
de Goiânia (O Popular, Folha
de Goiás, Opção) ou forneci-
das pelos moradores.

JARDIM NOVA ESPERANÇA

VITÓRIA DO POVO

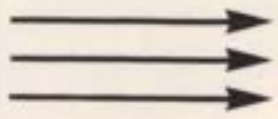
Em Goiânia capital do estado de Goiás um terreno de 26 alqueires 28 litros e 444 metros quadrados foi invadido por famílias que foram expulsas da roça ou que não estava dando conta de pagar aluguel.

Esse terreno nunca tinha sido ocupado só existia mato e lixo que a prefeitura jogava.

*A muitos anos esta terra
Vivia abandonada
Era depósito de lixo
E ponto de mulecada
Que assaltavam as pessoas
E até davam pancada*

11

JARDIM



No mês de julho porêm
esta terra foi invadida
Por pobres trabalhadores
Que estavam sem saída
Porque o custo de vida
Massacravam nossas vidas



Com enxada foíce e machado
A terra foi desmatada
Em poucos dias estava
Quase toda loteada
Cada um cercava um pedaço
Prã fazer sua morada
Os materiais chegaram
Em carroças ou caminhões
De sol a sol trabalhamos
Com destreza e prontidão
Construindo com afinco
Nossos próprios barracões

Quem te viu e Quem te vê
Era a manchete do dia
Esta área abandonada
Hoje cheia de moradia
Nos gritos da criançada
Transbordava a alegria

Mais se existe a pobreza
Também existe a ganância
Depois da terra abitada
Apareceram os onças
Que era os pretensos donos
Tirando-nos a esperança

Depois de dois meses que nós tava morando aqui, uma firma chamada GOIARROZ- que é também invasora- apresentou um documento falso . dizendo ser ela a dona do terreno.

Essa firma GOIARROZ ajudada pela policia, obrigou nós a assinar um documento desistindo da terra.

Mas nós sabia que a GOIARROZ também era invasora, o que ela queria era ficar com todo o terreno. Ai nós reagimos e não assinamos mais o documento.

*Nos seus carros importados
E com um papel na mão
Disseram ser o documento
Desse pedaço de chão
Dizendo para nós ir
Fazer casa no sertão*

*Continuamos na terra
Trabalhando sem parar
Quando eles viram aquilo
De nada ia adiantar
Mandaram vários jagunços
Para nos amedrontar*

*Em carros de chapa branca
A paisanos e bem armados
Fizeram-nos assinar
Alguns até algemados
Aquele papel que era
um documento forjado*

*Nos pegaram de surpresa
Tirando-nos a oportunidade
De protestar-nos diante
De tamanha barbaridade
porém um pobre nervoso
Vale mais que mil soldados*

*No dia seguinte voltaram
Para terminar o serviço
Mas nós já tínhamos organizado
uma espécie de comissão
cercamos os carros gritando
Ninguém vai assinar mais isso*

ATAQUE DA POLICIA E PREFEITURA

Eles não conformaram com a derrota, aí pediram ajuda da prefeitura e da policia.

No dia 2 e 3 de outubro veio dois caminhões da prefeitura junto com a policia, arrancando cercas dos lotes vagos, carregando o material nos caminhões. Nós ficamos um pouco apavorados, sem saber o que fazer.



*Principal daquele dia,
Que vei os policiais,
Usando arma de guerra
Em cima dos pessoais
Isso foi bem declarado
Na TV e nos jornais
Que foi muitos prizioneiros
Como gado nos curais*

DIA QUATRO DE OUTUBRO

No dia quatro de outubro eles voltaram com mais ou menos 100 soldados da Polícia Militar, armados até os dentes. Veio junto uma patrol dois tratores de estera uma pá mecânica e caminhões, tudo da prefeitura.

Veio para tirar nós e limpar a área. Eles começaram entupindo cisternas, derrubando barracos e carregando nossos materiais.

Nessa derrubada de barracos moradores confirmam que viu uma patrol derrubar um barraco e lá dentro tinha uma criança, os policiais não deixou a vizinhança chegar perto, e logo a pá mecânica saiu bem no alto para ninguém saber o que tinha lá dentro. Isso nunca foi apurado, nem pela polícia e nem pela prefeitura. Ficou por isso mesmo.

Esse foi o maior ataque que sofremos.

Ficamos um pouco espantados, este espanto fez com que nos unisse para trocar idéias, e planejar como nós ia expulsar a policia e a prefeitura da área.

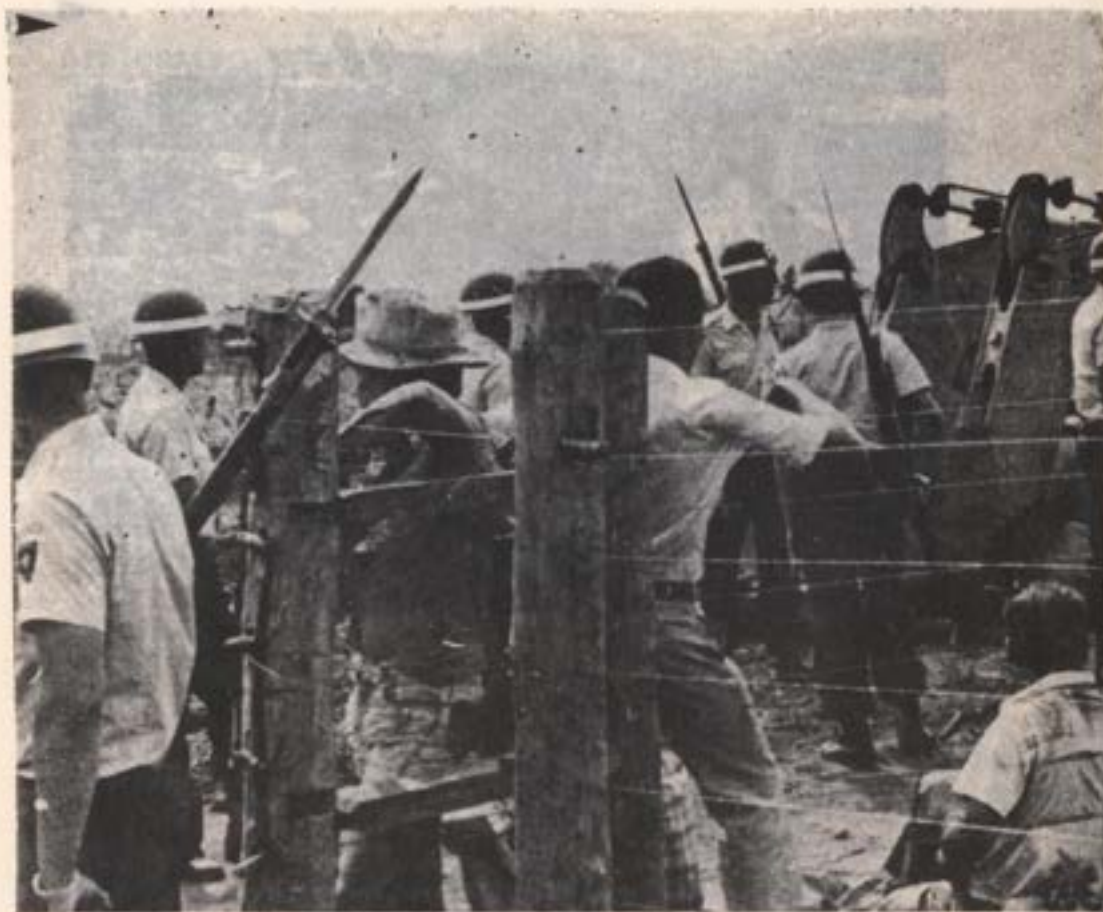
Nessa época nós já era umas 1.000 famílias. Juntamos nossas idéias e pedimos ajuda de algumas entidades e da imprensa.



As crianças assistem com tristeza à derrubada de um barraco pelos tratores, logo no começo da manhã.



Enquanto o barraco é desmanchado, seus tijolos são colocados no caminhão da Prefeitura para transporte a outro lugar.



Foram embora descontentes
 Com as nossas reações
 Alguns dias depois voltaram
 Com soldados e caminhões
 Arrancando cercas dos lotes
 Que não tinham barracões



Achando pouco o estrago
 Que fizeram nos cercados
 Mandaram no outro dia
 Mais ou menos 100 soldados
 Com a missão de derrubar
 As casas do povoado
 Comessaram de manhã
 Soldados patrois e tratores
 Destruindo as pobres casas
 Dos aflitos moradores
 Que sentiam no sangue a revolta
 Diante de tantos horrores

Neste dia, vendo a nossa revolta, eles
 Os jornais chegaram na área
 Dando cobertura total
 entrevistando morador
 E também policial
 Denunciando as autoridades
 Por um ato injusto e mau

NOSSA PRIMEIRA VITÓRIA

EXPULSAR POLICIAIS E FICAR NA ÁREA

Conseguimos então retirar a policia e as máquinas da nossa terra.

Essa foi a nossa primeira vitória. Entendemos que unidos e juntando nossas idéias, nós ia vencer todas as batalhas.

A policia não voltou, e no dia 5 de outubro o prefeito veio até a invasão.

*Fizeram várias prisões
Mais nem isso adiantou
Porque nós o povo estava
Gritando a todo vapor
Vocês brigam com as armas
E nós com o nosso furor*

*Os soldados se retiraram
Para fazer sua ceia
E voltaram depois
pra terminar a bagaceira
Mais deixaram suas máquinas
O que foi a maior besteira*

NOSSA PRIMEIRA VITÓRIA

A DESAPROPRIACÃO

*Nós fomos às suas máquinas
fizemos uma quebradeira
Danificamos os pneus
Fizemos dessa maneira
São não ateamos fogo
Por causa da fumaceira*

*A prefeitura depois
De provocar aquela briga
Ficou com medo de nós
E quis achar uma saída
Mais suas máquinas já estavam
Conosco e bem destruída*

VISITA DO PREFEITO

NO dia 5 de outubro o prefeito, Sr. Indio do Brasil Artiaga, com medo de perder o prestígio político, veio até a nossa invasão para tentar consertar o mal que ele mesmo causou.

Neste dia, vendo a nossa revolta, ele prometeu desapropriar a área para nós. Nestas alturas a terra já tinha quatro donos (GOIARROZ, CAGIGO; CARFEPE E TOCANTINS EMPREENDIMENTOS).

O prefeito ficou um pouco assustado e falou que aqui ele não voltava mais.

Então formamos uma comissão de moradores, para facilitar as conversas com as autoridades e para melhor organizar nossa luta.

No dia seguinte veio
 O prefeito da cidade
 Sr. Índio do Brasil
 Falando de humanidade
 Mais encontrou uma nuvem
 Transformada em tempestade

Fechamos ele em um cômodo
 Que não tinha entrada de ar
 50 homens dispostos
 A morrer ou a matar
 Perguntando e obrigando
 O prefeito a confessar

Confessou ser dele a ordem
 De com a invasão acabar
 Com soldados e com máquinas
 a área toda limpar
 Mais que estava disposto
 A tudo isto pagar

A DESAPROPRIAÇÃO

O juiz deu ganho de causa para empresas que se diz donas da terra. Houve até ameaça da ' policia voltar na área. A solução que restava para nós era forçar o prefeito assinar o decreto ' de desapropriação.

A policia não voltou mais na invasão , mas a prefeitura mandou seus órgãos- FUMDEC- Fundação Municipal do Desenvolvimento Comunitário' e IPLAN - Instituto de Planejamento- fazer muitas promessas, para nós com isto, esquecer a desapropriação. Mas nós não esquecemos.

Fizemos um abaixo assinado, pedindo ' que fosse feito imediatamente a desapropriação.

A comissão representando os moradores, levou o abaixo assinado até o prefeito.

Formou-se uma comissão
 E com ele foi falar
 Levando um abaixo assinado
 Dos morador do lugar
 Exigindo que ele viesse
 A terra desapropriar

Querendo que a gente esquecesse
o pedido de desapropriação
Mandou órgãos da prefeitura

Propondo urbanização
A Fumdec e o Iplan dizendo
Que queria nos dar as mãos

Mais nosso olho de tão aberto
Não se pode nem piscar

Dizemos pra eles se querem
Alguna ajuda nos dar
E precionando o prefeito
para a terra desapropriar

NOVAS LUTAS E NOVAS VITÓRIAS

A nossa força e organização fez com que
no dia 6 de novembro de 1979 diante de 3.000 pes-
soas aqui na invasão, o prefeito assinasse o de-
creto de desapropriação da área para nós.

No dia seguinte o prefeito
Diante da população
Assinava aquele decreto
Fruto da nossa união
Era o começo da glória
Era a desapropriação



Depois da assinatura do decreto, a nossa união cresceu ainda mais porque nós sabia que aquela assinatura eliminava só o perigo de outro ataque da polícia. Mas nós tinha que lutar ainda mais para o prefeito pagar a terra.

PROPOSTAS DA PREFEITURA

O prefeito só assinou o decreto, para acalmar nós. Mais nós ficamos sabendo de suas intenções, que era construir na nossa invasão, 5000 casas do BNH (Banco Nacional de Habitação).

Mas nós recusamos, pois nós sabia que se aceitasse as casas, nós ia perder o terreno, pois nós ia ter que sair para ser construídas as casas. Essa terra foi conquistada com muito esforço e sofrimento e nós não damos conta de pagar as casas do BNH. Estamos construindo nossos barracos conforme as nossas possibilidades.

Recusamos o BNH. e logo em seguida os dois órgãos da prefeitura - FUMDEC E IPLAN - voltaram com suas propostas bonitas. Incluindo nessas propostas, abertura de ruas e demarcação de lotes.

Nenhuma destas promessas foram cumpridas.

No outro dia a comissão
Ja era assediada
Pela Fumdec e Iplan
Com as propostas passadas
Dizendo que só tínhamos a ganhar
E que não iam perder nada

A comissão respondeu
Nada podemos dizer
Só o povo é que decide
O que devemos fazer
Se aceitamos ou não as propostas
Que vieram nos fazer

As propostas que recebemos
Bonitas de fazer dō
Vamos citar só algumas
Um chamado promenor
Máquina de fazer tijolo
E máquina de uma telha sō

Prometeram-nos um hospital
E uma escola também
Um centro comunitário
Que era para o nosso bem
Uma lavanderia pública
Entrava no rol dos cem

Um poço artesiano
E uma igreja para o povo
Um dentista também vinha
Pra botar um dente novo
Sô ficou faltando a quadra
Pra quem gostasse de jogo

Convocamos uma assemblêia
Para o povo opinar
As propostas da prefeitura
Uma a uma apresentar
Mais o povo não queria
Nada disso aceitar

E que eles já tinham dito
Que iam as ruas abrir
E muitos estavam esperando
Pra suas casas construir
Para evitar que mais tarde
Tivessem que demolir.

Nós queremos é as ruas
que vocês nos prometeram
Estas propostas bonitas
Que sô servem de modelo
Não nos interessa agora
Queremos rua primeiro

Junto com as outras propostas
Veio um tal de BNH

Era um plano do prefeito
De com o povo acabar
Porque os pobres não iam
Ter dinheiro pra pagar

A prefeitura quando viu
Que das ruas não abriamos mãos
Comessou através da imprensa
A fazer agitação
Dizendo que quem não queria
Era os membros da comissão

Nós fomos falar com o prefeito
Para as ideias clariar
Levar o recado do povo
Sobre o BNH
Porque aquele projeto
Ninguém queria aceitar

Ele disse para nós
Que tínhamos que aceitar
se quizessemos ter as ruas
O projeto do BNH
Do contrário uma favela
Ele ia deixar virar

DECIDIMOS NÓS MESMOS ORGANIZAR NOSSA INVASÃO

Nós vendo que aumentava dia a dia os moradores, resolvemos nós mesmos cuidar da nossa invasão abrindo as ruas e demarcando os lotes com a metragem de 300m². Já que a prefeitura não fez.

A prefeitura não conformou e mandou uma equipe de topógrafos para demarcar a área com lotes de 250m² que é o esquema exigido pelo BNH.

Mais nós não aceitamos e continuamos a demarcação dos lotes com 300m², já que antes o prefeito tinha prometido respeitar o nosso traçado.



Depois disso decidimos
Através de reunião
Que nós mesmos abria as ruas
Organizando mutirões
Para o bairro não ficar
Um problema sem solução



Foto: Jardim Nova Esperança:
moradores reunidos expulsam
topógrafos (17-12-79)

A prefeitura fez uma campanha pela imprensa, para mobilizar a opinião pública e desmoralizar nós. O prefeito dizia nos jornais que nós é que não queria acordo, dizia que nós estava em birrados na metragem dos lotes.

Mas não era nada disso. Nós queria sim, a metragem de 300m². Além do nosso querer ainda tinha um documento assinado pelo Dr. Goianêsio Ferreira Lucas superintendente da FUMDEC (Fundação Municipal do Desenvolvimento Comunitário), que dizia que ia respeitar a metragem dos lotes de 300m² e que os topógrafos ia demarcar a área de acordo com os moradores. Mais eles tentaram nos enganar demarcando os lotes com 250m²; logo que nós percebemos pedimos que eles se retirassem da área.

A prefeitura estava tentando diminuir a nossa força através da imprensa, então nós resolvemos fundar uma associação para melhor organizar e fortalecer a nossa luta.

No dia 2 de dezembro de 1979 a Associação foi fundada. A associação foi um meio de organização muito bom para fortalecer ainda mais nossa união.

*A imprensa contra nós
Metendo o pau na comissão
A mando da prefeitura
Que é uma negação
Obrigando-nos a fundar
A nossa Associação*

*A idéia da Associação
Foi lançada ao pessoal
E como resultado tivemos
De todos apoio total
A Associação foi recebida
Como uma pedra fundamental*

*No domingo as 13 horas
A Associação foi fundada
A chapa que apresentamos
Por todos foi aprovada
300 assinaturas
Foi no livro confirmada*

*A primeira atividade
Da nossa Associação
Foi despachar uma carta
Para toda região
Pedindo apoio dos companheiros
Para a nossa organização*

CASA DE REUNIÃO MAIOR ORGANIZAÇÃO



Foto: quarto mutirão para construção da nossa casa de reunião com a presença de companheiros de vários lugares.

A nossa união estava crescendo, e nós sentimos a necessidade de um espaço para nós reunir e discutir os nossos problemas. Pensamos em construir uma casa de reunião, mas nós não tínhamos dinheiro. Trocamos idéias e achamos que era bom pedir ajuda dos nossos companheiros de outros lugares.

E a nossa casa começou a ser levantada pouco a pouco, em mutirão nos fins de semana. Todos os moradores ajudaram, cada um deu sua contribuição.

A prefeitura tentou embargar a nossa construção, mas a nossa união venceu e conseguimos terminar a nossa casa.

No dia 9 de dezembro de 1979 foi inaugurada a nossa casa de reunião, feita com muito sacrifício, mais também com muita animação.

A inauguração contou com a presença de companheiros de vários lugares. Foi uma festa muito bonita, com cantorias e trocas de experiências. Cada um contava a luta do seu lugar, e oferecia apoio e solidariedade aos companheiros de lutas.

A inauguração da nossa casa de reunião foi uma grande vitória para nós.



Foto: inauguração da nossa casa de reunião

Soltamos também um convite
Para a inauguração
Da nossa casa sagrada
A casa de reunião
Com a presença dos companheiros
Fortalecendo nossa união

No dia 9 de dezembro
Consagrou nossa esperança
Com a ajuda de Deus
E com a força da aliança
Inauguramos a nossa casa
Cheia de adultos e crianças



Foto: companheiros da roça e da cidade
presentes na inauguração

APOIOS A NOSSA LUTA

Enquanto nossa luta crescia, nós percebemos que com mais apoios de companheiros de outras lutas nós ia ficar mais forte para resistir. Foi aí que mandamos cartas de pedido de apoios para todo o Brasil.

Temos recebido cartas de apoio; de entidades, de companheiros trabalhadores de todo Brasil, nos animando e apoiando a nossa luta pelo direito de morar. Alguns já nos visitaram pessoalmente.

O PREFEITO NÃO PAGOU A TERRA

A luta pelo direito de morar continua. A assinatura do Decreto de Desapropriação não significa que já vamos ter os lotes legalizados.

Para continuar com o andamento do processo na justiça, a prefeitura precisa fazer o depósito do valor da terra, no banco.

A área é muito grande. A prefeitura fez o depósito apenas de 3 alqueires, que dizem pertencer a empresa Tocantins Empreendimentos. Falta a prefeitura fazer o depósito de maior parte da área.

Nós não vamos sair daqui, essa terra já é nossa, a precisão fez nós resistir e ficar.

Hoje somos mais ou menos 20 a 25 mil moradores, todos na mesma idéia, ficar na invasão.

Nós estamos lutando para o prefeito pagar a terra, assim o processo pode caminhar mais rápido na justiça. Depois da terra legalizada nós concordamos em pagar os lotes, mas isso vai ser feito conforme as nossas condições.

Enquanto a prefeitura não pagar o terreno não pode ser feito nenhum tipo de benefício por parte dos órgãos públicos.

No mês de janeiro deste ano, fizemos um abaixo assinado para a Secretaria de Educação do Estado pedindo uma escola, nós temos aqui mais de cinco mil crianças na idade de estudar.

A resposta foi negativa, eles disseram para nós que, enquanto a terra não estiver legalizada não pode ser feito nem mesmo uma escola.

Sendo assim nós mesmos estamos organizando nossa terra.

A abertura de ruas e demarcação dos lotes continua. Mais de 15 alqueires já foram loteados e com ruas abertas. Somos pobres, não temos máquinas e nem aparelhos, as ruas depois de demarcadas, são capinadas, não temos patrol.

O serviço caminha devagar, mas tá saindo certinho.

Com luta e paciência, logo a nossa invasão vai estar organizada.

JARDIM NOVA ESPERANÇA

O QUE A LUTA ESTÁ NOS ENSINANDO

I TERRA PARA MORAR

Essa luta tem ensinado para nós muitas coisas boas.

A cada dia que passa, a vida do povo trabalhador fica mais custosa.

Na roça não tá tendo jeito de ficar, porque os tubarão compra as terras pequenas e junta elas com as terras grandes deles e taca capim em tudo. Morar de agregado eles não aceita, e não tem nem lugar de tocar roça. Então é preciso mudar pra cidade.

Na cidade nós tem que trabalhar de operário, a maioria trabalha de servente ou de pedreiro. Nas firmas é a maior exploração. O salário é miserável. O serviço é muito pesado. Nas empresas eles obriga a gente a trabalhar de tarefa' pro companheiro trabalhar pra morrer, se não, não ganha nada. Ainda por cima estão obrigando os pedreiros levar o seu servente. Aí eles pega o servente e manda o pedreiro embora, ou senão coloca' o pedreiro pra trabalhar de servente e diz que é para o pedreiro aprender a levar servente.

O salário não dá nem pra comprar o de comer, casa própria nós não temos. Se nós for pro aluguel, como é que nós vamos comer? Então temos que ir para invasão. Os grandes não quer nós na invasão. Mas nós o povo trabalhador, aprendemos que temos o direito de invadir uma terra abandonada e fazer dela o nosso local de morar.



COISAS QUE PRECISAMOS TER PARA CONTINUAR A LUTA

Nós aprendemos que na luta precisamos de muitas coisas.

Precisamos de local para nós reunir, precisa de carro para nós movimentar, precisa de máquina de escrever e muitas outras coisas. Precisa até de meios nossos de se organizar.

Então nós podemos falar assim: as lutas precisam de meios.

■ COMISSÃO

Mais no começo, aqui no Jardim Nova Esperança, quando os barracos estavam sendo derrubados, nós correndo para todo lado, com força pra lutar mas estava desorganizado. Foi aí que veio a idéia de formar uma comissão. A comissão foi o primeiro meio de organização criado por nós.

■ COMUNICADO

Logo depois, como estava tudo muito confuso, cada jornal dizia uma coisa diferente do outro e o povo não sabia em quem acreditar. A comissão trabalhou dia e noite para descobrir e esclarecer as coisas.

Depois de muita luta, descobrimos que era preciso ter meios de divulgação. Alguma coisa que caminhasse mais do que as pernas da comissão. Foi assim que surgiu o nosso Comunicado, que agora já está no quinto número.

■ BOLETIM

Nós vimos que o apoio de outras lutas, o apoio da Igreja e de outras entidades era muito importante. Então fizemos um boletim para continuar contando para os companheiros de outros lugares, como nós tava lutando aqui, e para eles também escrever para nós, contando a luta do seu lugar, e assim nós ir introzando mais.

Muitos companheiros ajuda a fazer o boletim, e quem não ajuda a escrever, ajuda a manter, comprando e contribuindo de outro jeito para ele não morrer.

■ ASSEMBLÉIA GERAL

Em outubro antes do prefeito assinar o decreto de desapropriação, a prefeitura tentou enganar nós, fazendo muitas propostas. O que ele queria mesmo era colocar o BNH aqui.

Como o nosso salário é muito baixo e não dá para tirar uma casa do BNH. Vimos então que era um jeito de tirar nós daqui.

Como a Comissão não podia decidir sozinha, então outro meio de organização foi a assembléia com todos os moradores. Então esse meio de organização é pra decidir o que devemos fazer.

■ CASA DE REUNIÃO

Ao mesmo tempo, nós fomos vendo a necessidade de construir uma casa nossa, um local onde os moradores se reúne para discutir a luta. Um local para nós fazer Assembléias, onde tudo de importante que acontece é resolvido na "Casa de Reunião", esse é o nome que nós demos para essa ferramenta de organização que nós construímos em mutirão.

■ ASSOCIAÇÃO

A cada dia a luta foi animando mais. Mais gente participando.

Nós fomos acreditando que era nós mesmo que tinha que organizar o bairro. Abrir ruas de marcar lotes, defender dos ataques dos grandes. Então foi fundada a Associação, que hoje conta com a participação geral dos moradores e é uma ferramenta que tem ajudado a organizar bastante a nossa luta.

3

O APOIO DOS COMPANHEIROS

Dessa nossa luta aprendemos outra coisa muito importante.

Aprendemos que as lutas não pode ficar' sozinhas. Cada uma no seu lugar.

Elas devem unir, pra uma dar força pra' outra. Assim a luta da classe trabalhadora fica mais forte.

Com nossa luta aconteceu uma experiên - cia muito boa nesse sentido.

Nós tava num aperto danado, agredidos pela policia, prefeitura, as empresas que diz ser dona das terras. Então nós achamos que era bom pe - dir ajuda de outras lutas. E isso aconteceu.

Os companheiros da roça, da cidade, to - dos nos ajudaram, e muito. Recebemos muitas car - tas de apoio de outros estados. Aqui mais perto, além das cartas de apoio, recebemos também a pre - sença de companheiros, ajudando nós com suas expe - riências de lutas.

Na inauguração da nossa Casa de Reunião que foi no dia 9 de dezembro, estava presentes re - presentantes de 25 lutas diferentes

Nesse dia todos os companheiros conta - ram como tava a luta do seu lugar, e firmava seu

apoio a nossa luta. Dizendo que essa luta não era só nossa, era deles também, porque essa luta é a luta do povo trabalhador. Diziam ainda que quando uma luta está sendo ameaçada as outras lutas de - vem apoiar e ajudar essa luta a não enfraquecer.



4

UNIÃO DOS COMPANHEIROS

A última coisa que nós aprendemos é de' que é preciso de união de todos os companheiros ' do Brasil que estão na mesma luta. Por isso pedi - mos a todos vocês que vão ler essa história nossa, para discutir bastante essa nossa luta. Ver os er - ros e acertos que nós teve, e escrever contando ' também um pouco da luta de vocês.

Nosso endereço: Associação dos Moradores
do Jardim Nova Esperança
Cx. Postal 15288
74.000-Goiânia-GO



JARDIM NOVA ESPERANÇA...

Agora eu mi despeço
porque já falei de mais
vou deichar pra os companheiros
dizer outras coisas mais
Ate breve meus amigos
Amigão do coração
mais uma vez eu vus pesso
vamos fazer união
Antis de mi retirar
É o que mi vei na lembrança
De o nome já registrado
de Jardim Nova Esperança